

**Ver o homem, Deus e o mundo: o despertar da consciência
cosmoteândrica em Teilhard de Chardin, no diálogo com o pensamento
bucólico de Alberto Caeiro**

Seeing the man, God and the world: the awakening of cosmotheandric
consciousness in Teilhard de Chardin, in dialogue with the bucolic thought
of Alberto Caeiro

Thiago Santos Pinheiro Souza¹
thiagosoueu@gmail.com

Não somos seres humanos vivendo uma experiência espiritual,
mas somos seres espirituais vivendo uma experiência humana.
(Teilhard de Chardin)

Resumo

Este artigo pretende fazer uma relação entre a mística de Teilhard de Chardin e a perspectiva de Alberto Caeiro. O ser humano e a realidade que o envolve possuem algo além do que o sentido pode captar em uma aproximação apriorística. E essa realidade é composta por homem, mundo e Deus, formando a tríade cosmoteândrica, ou teo-antropo-cósmica. Entretanto, o emaranhado e a presença dessa tríade, por mais que sejam reais, nem sempre são vistas. Assim, o verbo ver possui um lugar especial no presente artigo, pois os dois polos dessa relação cultivam o ver como algo que está para além do sentido. Além disso, o presente trabalho pretende manter a cadência poética, própria tanto das obras de Teilhard quanto da de Alberto Caeiro.

Palavras-chave: Ver; Deus; Homem; Mundo; Teilhard de Chardin; Alberto Caeiro.

Abstract

This paper's aim is to relate the mystic of Teilhard de Chardin and the bucolic perspective of Alberto Caeiro. The human being and the reality that surrounds him have something more than that can be caught by a first sight. And this reality is constituted by man, world and God, which form the cosmotheandric – or theo-anthropo-cosmic – triad. But the relation and the presence of this triad aren't always seen, in spite of being so real. Thus the verb “to see” has a special meaning in this paper, for the two poles of the relation bear this verb as something that points to something else that is beyond the

¹ Mestrando em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora, bacharel em Teologia pela Faculdade Evangélica de Teologia de Belo Horizonte, licenciado em Letras pela Faculdade da Serra

vision sense. Besides that, this work maintains the poetic cadence, proper to both Chardin's and Caeiro's works.

Keywords: To see; God; Man; World; Teilhard de Chardin; Alberto Caeiro.

Introdução

“O que é ser homem? E qual a relação entre o ser humano e aquilo que está diante de si, dentro de si e ao seu redor?” Tais perguntas se inserem entre aquelas que não têm uma resposta mensurável. Sabe-se e aceita-se que essas perguntas ecoarão ainda por um longo período – quiçá enquanto houver esse ente de sangue e pó “forasteirando” sobre a terra. O ser humano se relaciona com o outro, com o mundo, com Deus e consigo. Muitas vezes o núcleo dessa relação não é patente: é necessário um olhar educado. Isso é algo que tem se perdido em um mundo marcado pelo emaranhado do imediatismo, pela pressa, pelas viagens de avião e não de trem, uma vez que não se pode perder tempo. Talvez se ganhe tempo por um lado, mas perde-se vida por outro; vida que repousa na travessia e nas coisas simples; parafraseando Guimarães Rosa: a coisa não está nem na partida e nem na chegada, mas na travessia.

Teilhard de Chardin tinha essa preocupação: a vida que acontece em correlação e concomitância com um todo, que nasce dentro do ser humano e o imerge na experiência cotidiana, o mergulha na experiência da carne. Vida que, para ser experimentada, faz o convite: “vem e vê!”². Isso não é tarefa fácil, demanda tempo e disciplina. É o mesmo convite presente nas Odes de Pílicas, reelaborado por Nietzsche: “torna-te quem tu és”³. Mais uma vez: como conheceremos algo sobre nós? Teilhard aborda essa experiência de autoconhecimento, postulando a experiência pílica. Além disso, o ser humano é homem enquanto relação com o todo. Afirma-se, então, o que é a partir da fé no Cristo encarnado, Cristo de sangue, carne, desejo, sorrisos, lágrimas. Coisas simples, óbvias que, de tão simples e óbvias, são imperceptíveis. Olhar e ver o Cristo de carne no mundo das coisas é uma experiência de aprendizado, como aquela cantada por Jorge Vercillo: “preciso aprender a ver o que não se vê/para me transformar

² Faça, aqui, referência ao Evangelho de João, 1:46, quando Natanael interrogou a Felipe se poderia haver algo bom vindo de Nazaré. “Vem e vê” foi a resposta de Felipe.

³ As Odes, porém, trazem a frase com uma expressão suprimida por Nietzsche e que coloco, aqui, em itálico: “γεντιος οιος εσσι *μαθον*”.

no que o amor quiser”. Além disso, Teilhard, em “O meio divino”, afirma que tal escrito “é uma educação dos olhos: Não discutamos; você quer discutir? Mas coloque-se aqui, como eu, e olho” (Chardin, 2010, p.13).

Essa experiência da simplicidade e do ver permeia o pensamento de Alberto Caeiro⁴. No seu deleitar-se no cotidiano, ele falava sobre ventos e plantas, janelas e casas, homens e mulheres, música. Coisa que estão aí, na vida de qualquer um. O objeto poetizado por Caeiro é comum a nós e nós o vemos na senhora na fila do supermercado, nas crianças indo para a escola, no vento que leva a folha que cai ao chão, na gota da chuva e do vento que ora faz um pequeno sibilar entre as frestas da janela, ora bate forte a porta e balança os cabelos. Poesia tem dessas coisas e é, segundo Goethe, “the universal possession of mankind, revealing itself everywhere, and at all times, in hundreds and hundreds of men”. Para mim, poesia é o mesmo que encontrar-se apoderado por algo transcendente e, ao mesmo tempo, ver tudo ao nosso redor e ser capaz de “profetizar”, ou seja, “poetizar”. Pois poetizar é o ato de profetizar próprio dos seres iluminados. Seres que sabem ver e deixam a luz entrar por essa “janela da alma”.

1. O Ver o Homem

Teilhard insiste em destacar que suas atenções repousam sobre o ser humano (Chardin, 1980). Tal abordagem sobre o homem requer um exercício de ver. A experiência do ver é apontada por Teilhard como essencial para se perceber o fenômeno humano, inserido em num mundo em que há constantes exercícios para se poder ver melhor e de modo mais nítido. Essa incógnita chamada vida humana é mais do que aparece ao olho nu. E a experiência do ver em Teilhard é um convite à tentativa de desnudar a experiência humana e olhá-la através daquilo que a encobre. Existe um aspecto do ser humano que aparece. Entretanto, o ser humano é muito mais do que a sua aparência indica que ele é. Da mesma forma, esse homem pode não conseguir enxergar a realidade que o abarca e envolve, deixando, assim, de ver a si mesmo. Teilhard afirma que “não é preciso ser um homem para perceber os objetos e as forças ‘em círculo’ ao

⁴ Pseudônimo de Fernando Pessoa. Figura bucólica, pacata, admirador das coisas da vida. Cf. PESSOA, 2010, p. 11-13. Ressalta-se que, nas citações da obra de Caeiro, procurou-se conservar a grafia corrente em Portugal.

redor de si. (...) Se, verdadeiramente, ver é ser mais, olhemos o Homem e viveremos mais”. Na voz de Caetano,

Não basta abrir a janela
Para ver os campos e o rio.
Não é bastante não ser cego
Para ver as árvores e as flores. (Pessoa, 2010, p.157)

O ver, em Teilhard, está atrelado àquilo que vai de encontro à “lentidão do despertar”, uma vez que é tão difícil de ver aquilo que “deveria saltar-nos aos olhos” (Chardin, 1980 p. 37). Ele afirma que “em virtude da criação e, mais ainda, da Encarnação, *nada é profano*, aqui embaixo, para quem sabe ver” (Chardin, 2010, p.33). Assim como a criança precisa ser educada e aprender a discernir as imagens e cores que vão aos seus olhos, o ser humano precisa ser educado a ver e a descobrir o próprio ser humano (Chardin, 1980). “Não é bastante não ser cego”. Teilhard afirma que a beleza do humano não está no fato de ele ser o centro estático do mundo, mas como um eixo e flecha em evolução:

Na verdade, duvido que haja, para o ser pensante, momento mais decisivo do que aquele em que, caindo-lhe a venda dos olhos, descobre que não é um elemento perdido nas solidões cósmicas, mas que é uma vontade de viver universal que nele converge e se hominiza. (Chardin, 1980, p.39)

A mesma beleza que precisa ser garimpada nas coisas é, na tônica de Caetano, passível de perspectiva. Se qualquer objeto pode ser dotado de uma beleza que se revela, o ser humano também possui um valor que precisa ser descoberto. O maior exercício de quem observa é tentar ver o que é invisível:

Às vezes, em dias de luz perfeita e exacta,
Em que as cousas têm toda a realidade que podem ter,
Pergunto a mim próprio devagar
Por que sequer atribuo eu
Beleza às cousas.

Uma flor acaso tem beleza?
Tem beleza acaso um fruto?
Não: têm cor e forma
E existência apenas.
A beleza é o nome de qualquer cousa que não existe
Que eu dou às cousas em troca do agrado que me dão.
Não significa nada.
Então por que digo eu das cousas: são belas?

Sim, mesmo a mim, que vivo só de viver,
Invisíveis, vêm ter comigo as mentiras dos homens
Perante as cousas,
Perante as cousas que simplesmente existem.

Que difícil ser próprio e não ver senão o visível! (Pessoa, 2010, p.51)

Mas ainda paira a pergunta pelo fenômeno humano. Como apontado acima, Teilhard considera o ser humano como um ser em processo evolutivo. Deve ser compreendido, também, a partir de fenômenos químicos e físicos e biológicos, mas também dotado que algo que perpetua sua vida após a morte (Chardin, 1980). O homem é um, dentre inúmeras nervuras da existência. Mas ele é um ser que consegue se inserir na dinâmica do pensamento e da reflexão. O ser humano também é um ser social, relaciona-se com as pessoas e pode ser compreendido dentro do Fenômeno Social (Chardin, 1980). Como cientista, Teilhard considera diversas as facetas do ser humano. Como místico – e é o que, de fato, interessa a esse trabalho – ele volta os olhos para o relacionamento entre homem e Deus. Assim ele afirma que:

Uma vez que se, em última análise, os centros refletidos no Mundo são efetivamente “um com Deus”, esse estado é obtido, não por identificação (Deus tornando-se tudo), mas por ação diferenciadora e comungante do amor (Deus tudo *em todos*), – o que é essencialmente ortodoxo e cristão. (Chardin, 1980, p.52)

Alberto Caeiro, mergulhado em sua vivência bucólica, expressa sua experiência humana através da observação de detalhes “banais” do cotidiano:

É noite. A noite é muito escura. Numa casa a uma grande distância
Brilha a luz duma janela.
Vejo-a, e sinto-me humano dos pés à cabeça.
É curioso que toda a vida do indivíduo que ali mora, e que não sei quem é,
Atrai-me só por essa luz vista de longe.
Sem dúvida que a vida dele é real e ele tem cara, gestos, família e profissão.

Mas agora só me importa a luz da janela dele.
Apesar de a luz estar ali por ele a ter acendido,
A luz é a realidade imediata para mim.
Eu nunca passo para além da realidade imediata.
Para além da realidade imediata não há nada.
Se eu, de onde estou, só vejo aquela luz,
Em relação à distância onde estou há só aquela luz.

O homem e a família dele são reais do lado de lá da janela.
Eu estou do lado de cá, a uma grande distância.
A luz apagou-se. Que me importa que o homem continue a existir? (Pessoa, 2010, p.101),

A visão é um sentido e, enquanto sentido, leva o ser humano a perceber o sentido daquilo que se vê. Em Caeiro, pode-se dizer que ver é um exercício que, antes de levar a um sentido, leva a um sentir. Às vezes pergunta-se tanto se algo faz sentido, e pouco se algo faz sentir. “Sentir-se humano dos pés à cabeça”. Aliás, o que é a experiência humana, se não a experiência de sentir? “Perscrutemos todos os abismos. ‘*Nihil intentatum*’... (Nada foi tentado) Deus o quer, Ele que quis precisar disso. Você é homem? ‘*Plus et ego*’ (eu mais ainda)” (Chardin, 2010, p.37). A experiência humana é a experiência da descoberta e do se encontrar em meio à novidade do que pode ser.

O meu olhar é nítido como um girassol,
Tenho o costume de andar pelas estradas
Olhando para a direita e a esquerda
E de vez em quando olhando para trás...
E o que vejo a cada momento
É aquilo que nunca antes eu tinha visto,
E eu sei dar por isso muito bem...
Sei Ter o pasmo essencial que tem uma criança
Se ao nascer, reparasse que nasceras deveras...
Sinto-me nascido a cada momento
Para a eterna novidade do mundo... (Pessoa, 2010, p.19)

2. O Ver e o Mundo, ainda que neste contenha o mal

O mundo é o palco onde o espetáculo humano se insere. Este palco possui mais do que o necessário para a sua atuação. Na dinâmica cosmoteândrica, o mundo é o elemento que expressa o lugar onde as coisas acontecem, onde Deus se manifesta e onde o homem o encontra. O cosmo possui um significado especial, tanto para Teilhard quando para Caeiro. Este último, pelo fato de viver na experiência bucólica, reconhece e vê o lado “dizente” da natureza de forma ainda mais fluente que os demais expectadores. Talvez a experiência bucólica nos leve a perceber mais o palco do que consegue a plateia, e faz-nos interagir com ele, mais do que quem olha para o espetáculo. No palco do espetáculo humano, entretanto, encontram-se uma série de

fatores que não são de todo agradáveis ao homem: é o problema do mal. Teilhard parece evitar essa problemática na sua obra. Ele chama atenção a essa questão, fazendo o seguinte questionamento (Chardin, 1980, p. 64):

De que serve chamar a atenção para as sombras da paisagem, ou insistir sobre as profundezas dos abismos abertos entre os cimos? Não eram ambos suficientemente evidentes? Mas o que eu não disse, supus que se via. Por conseguinte, procurar na visão aqui proposta uma espécie de idílio humano em lugar e ao invés do drama cósmico que eu pretendi evocar, seria nada haver compreendido dela (Chardin, 1980, p. 64).

No entanto, apesar de o drama cósmico ser evidente no mundo, não se pode desconsiderar que a presença da beleza e do bem esteja nele. Teilhard expõe a existência que quatro expressões do mal no mundo: mal de desordem e insucessos, mal de decomposição, mal de angústia, mal de crescimento (Chardin, 1980). O primeiro refere-se àquele mal que se enfrenta cotidianamente, como se fosse algo que não estivesse dentro dos limites do domínio humano. O mal com o qual se depara ao se tentar ser melhor, para se chegar à perfeição: “quantos fracassos para um sucesso, quantas desgraças para uma só felicidade, quantos pecados para um único santo” (Chardin, 1980, p.65). O segundo diz respeito ao que acontece com o ser humano por ser ele matéria corruptível. Assim doenças, dores e outros fenômenos que ocorrem com a matéria estão presentes pelo fato de que o mundo é composto por matéria. O terceiro refere-se à consciência limitada do ser humano. O homem sabe da sua finitude e da sua limitação, e isso lhe causa angústia. Por fim, o mal que conduz necessariamente ao crescimento.

Pelo fato de o próprio Teilhard se calar em relação ao mal, tal temática não será demasiadamente discutida aqui. Ele mesmo afirma o seguinte: “neste campo, não me sinto sinceramente à altura de tomar posição e, de resto, nem caberia tomá-la aqui” (Chardin, 1980, p.66). Ele ainda afirma que o problema do mal deixa a teologia à vontade para discursá-lo, ainda que tal discurso pareça dotado de ambigüidades. Isso mostra que, de uma forma ou de outra, o elemento fé é inserido na compreensão e na dinâmica da abordagem do mal no mundo. O mal gera sofrimento e, segundo Teilhard, o sofrimento tem a sua significação e o seu valor no emaranhado cósmico. De uma forma ou de outra, esse lugar do sofrimento inserido na relação cosmoteândrica extrapola a compreensão humana sobre as causas e efeitos. É como se pudéssemos ouvir

o barulho do motor funcionando, sem perceber por onde passam os dentes da engrenagem. Infelizmente e dificilmente consideramos o fato de que “não é bastante não ser cego” para perceber esse emaranhado e ações teo-antropo-cósmicas.

E de que é formada essa massa? De negrume, de lacunas, de perdas?... Mas não! Antes, insistamos, de energia possível. No sofrimento se oculta, com uma extrema intensidade, a força ascensional do Mundo. Toda a questão está em libertá-la, dando-lhe a consciência do que ela significa e do que pode. Ah! Que salto o mundo daria em direção a Deus, se todos os enfermos ao mesmo tempo transmutassem seus tormentos num desejo comum de que o Reino de Deus amadureça rapidamente através da conquista e da organização da Terra. Todos os sofrendores da terra unindo seus sofrimentos para que a dor do mundo se torne um grande e único ato de consciência, de sublimação e de união: não estaria aí uma das mais altas formas que poderia tomar aos nossos olhos a misteriosa obra da Criação? (Chardin, 1980, p.72)

A natureza é tema bastante claro em Alberto Caeiro. Mas não é simplesmente um tema. É, também, um lugar constituído por uma força maior. Ele deve ser visto como criação dos chamados deuses. Isso parece demonstrar proximidade com o pensamento de Teilhard, uma vez que, ainda que haja sofrimento no mundo, e ainda que haja discordância nele, este é o lugar onde o espetáculo humano acontece:

Aceita o universo
Como to deram os deuses.
Se os deuses te quissem dar outro
Ter-to-iam dado.

Se há outras matérias e outros mundos –
Haja. (Pessoa, 2010, p.117)

O mistério de tudo o que se faz presente na terra repousa no saber apreciar, ver e sentir a natureza. Percebe-se, assim, mais uma vez, que a essência das coisas é captada na extrapolação dos sentidos. Como já dito anteriormente, é a educação do ver. Quando se aprende a ver, qualquer outra atitude para extrair a beleza da natureza torna-se supérflua. Caeiro descarta qualquer artifício para experimentar o mundo é desnecessário:

Aquela senhora tem um piano
Que é agradável mas não é o correr dos rios
Nem o murmúrio que as árvores fazem...

Para que é preciso ter um piano?
O melhor é ter ouvidos
E amar a Natureza (Pessoa, 2010, p.36)

A tônica do mal e da injustiça aparece, também, na poesia de Caeiro. Ao falar sobre o sofrimento no mundo, ele expõe os seguintes versos:

Haver injustiça é como haver morte.
Eu nunca daria um passo para alterar
Aquilo a que chamam a injustiça do mundo.
Mil passos que desse para isso
Eram só mil passos.
Aceito a injustiça como aceito uma pedra não ser redonda,
E um outeiro não ter nascido pinheiro ou carvalho. (Pessoa, 2010, p.129)

3. O Ver e a realidade de Deus.

“Não temas, sou eu” (Chardin, 2010, p.46). Essa frase de Teilhard é muito mais intensa do que os ouvidos humanos conseguem captar. Como será não ter medo de Deus? E como não se apavorar com a ideia de não ter que ter medo? Tillich afirma que um Deus em cuja relação não haja medo, ódio ou pavor, não é Deus de fato, e não possui realidade (Tillich, 1953). Será que esse tumulto interior que aborda o ser humano em uma situação de desejo e desespero pode ser abrandado pela confiança? Será que, realmente, a confiança em alguém a quem devotamos a nossa vida – ou achamos que a devotamos – está acessível ao ser humano? O “não temas, sou eu” de Teilhard faz com que eu me lembre dos jovens no auge dos sonhos, planos e realizações. Uns em busca do amor, outros do dinheiro, outros de um lugar ao sol e outros, à sombra. Jovens que, como crianças, parecem ter o brilho nos olhos por algo ou alguém; nos olhos que veem tudo com um certo ineditismo. E, desta forma, no afã de quererem sorver a vida que se lhes apresenta nova e vigorosa, experimentam uma voragem que é típica da existência: ela traga a sanidade das pessoas, desafia a lógica, despedaça e devasta os planos e sonhos. De fato, não há nada de mais precioso para os homens e mulheres do que o prazer de possuir o objeto cujos olhos desejam, de sentir uma chama diferente dentro do peito, como aquela que os discípulos no caminho de Emaús sentiram, a despeito de os seus olhos estarem impossibilitados de captar o que realmente deveriam ver.

Entretanto, muita coisa é negada a nós, humanos. E nós, na tentativa de estender a mão para colher um fruto inalcançável, experimentamos o pavor que existe na palavra “limite”. “Daqui não se pode ir mais”. É um insulto à esperança, covardia para essas mentes e esses corações. Ah, cruel existência que rouba o ser humano e o priva de saborear o que, lá no íntimo, ele deseja com todo ardor que lhe é possível. O “não” da existência é um assédio de loucura, de “ser sobre o nada”, como gostava de dizer Heidegger. Que outra coisa pode estar mais próxima da definição do ser humano, do que ser determinado por aquilo que ele ama e deseja? O “não” da existência é o “não” que insulta a dignidade humana e atira, diante da pessoa, esta cruel realidade: “você não é!”. O oceano não sentiria falta de uma única gota d’água; e é a gota d’água que esse oceano chamado “existência” se nega a nos dar. Sedentos, então, homens e mulheres morrem, veem suas esperanças sofrerem um abalo, a erupção de um vulcão adormecido, que anuncia que o “não” é definitivo e irrevogável.

Tal como jovens e crianças, o ser humano não sabe e não conhece a vida – e nunca conhecerá. Mas há aqueles, cujos cabelos brancos parecem mostrar a coroa de quem soube ser aprovado pela existência. Estes, com o ar de seriedade, paciência, moral e sensatez, esboçam um sorriso e dizem: “ah, criança... a vida é assim. Sou velho, fui jovem e sei que isso passa”. A princípio, tudo o que se deseja é acreditar que tal afirmativa seja verdadeira. Mas o conselho da sabedoria é declinado pela loucura que a existência trouxe. É aqui, neste exato momento, que o “não temas, sou eu!” surge com toda a intensidade: “sou Deus, creia nisso”. Novamente a pergunta: “isso é bastante?”, “tem coerência nisso tudo?”. Ou ainda, em harmonia com o que Alberto Caeiro disse:

Pensar em Deus é desobedecer a Deus⁵,
Porque Deus quis que o não conhecêssemos,
Por isso se não nos mostrou...

Sejamos simples e calmos,
Como os regatos e as árvores,
E Deus amar-nos-á fazendo de nós
Nós como as árvores são árvores
E como os regatos são regatos,
E dar-nos-á verdor na sua primavera,
E um rio aonde ir ter quando acabemos...
E não nos dará mais nada, porque dar-nos mais seria tirar-nos mais. (Pessoa, 2010, p.26),

⁵ Ou seja, pensar sobre Deus é um ato de desobediência.

Mergulhar nessa coisa chamada divino é uma atitude de coragem. Coragem para aceitar a aceitação, como diz Tillich. E coragem para “não temer, pois é Ele”. Ainda que ele se torne um pesadelo, ainda que ele se torne a dor mais encarnada, ainda que ele se torne antolhos e algemas, ainda que ele se torne o inesperado. É o lançar-se nos braços daquele que é na tentativa de encontrar o significado do ser, o contraste entre o céu e inferno, ainda que ele seja, também, o inferno.

Imenso como o mundo e muito mais terrível do que as mais imensas energias do universo, Ele guarda, ao mesmo tempo, a transcendência concreta que lhe permite conduzir, sem confusão, os elementos do mundo à sua triunfante e pessoal unidade.

Incomparavelmente próximo e tangível, porque faz pressão sobre nós por meio de todas as forças do universo, Ele se oculta, no entanto, tão constantemente ao nosso amplexo que nós nunca poderemos agarrá-lo aqui embaixo, senão crescendo soerguidos por sua própria onda, no limite de nosso esforço: presente e atraindo no íntimo inacessível de cada criatura, Ele se retira sempre para mais longe, arrastando-nos consigo ao centro comum de toda consumação (Chardin, 2010, p.84).

“Não temas, sou eu” significa, então: “queres trocar a surpresa e o não-ser da existência pela surpresa de ser em mim?”. E assim como “nada se assemelha tanto ao um calvário quanto a epopeia humana” (Chardin, 1980, p.66), o calvário que mata aquilo que nos mata – uma vez que somos reféns – é o Deus que aparece no convite a não temer. Esse Deus surge com toda a força do mundo todas as vezes que nós temos consciência de que, ainda que sejamos demasiadamente comidos em nosso passo, ainda que Ele mesmo se revele com ar de graça e misericórdia, Ele permanecerá sempre outro, distante, longe e imprevisível. E nós descobriremos, então, o sentido daquilo que só possui significado quando o convite “não temas, sou eu” for aceito após inúmeras tentativas de rejeitá-lo, e quando, de um súbito, surge uma coragem não se sabe de onde, e nos leva a fechar os olhos e pular, gritando a plenos pulmões: “não temerei, és tu, eu creio!”. E isso acontece pela fé! A fé que leva o invisível nos saltar aos olhos e gerar em nós a coragem para saltarmos ao invisível!

Conclusão

Teilhard reconhece que a tentativa de ver o homem soa como estranha. Ele indaga essa necessidade de voltar a atenção para o homem, pois, como se percebe pelos esforços filosófico-científicos, “já não está o Homem suficientemente descrito – e não é enfadonho? E um dos atrativos da Ciência não consiste precisamente em desviar e fazer repousar os nossos olhos sobre um objeto que não sejam enfim nós mesmos?” (Chardin, 1980, p.35). O homem, o mundo e Deus são passíveis de perspectiva. Deus está pronto e acabado; mas, em nós e para nós, sua imagem oscila de lúgubre a majestática. E o mundo propicia o encontro entre Deus e o homem. Encontro esse que pretende, por assim dizer, ir além da realidade tangível.

Através da abordagem bucólica de Alberto Caeiro foi possível perceber que os artifícios cotidianos para encontrar com um sentido para a vida são – e devem ser – descartados. Pois do vento à folha que ele carrega há um mistério que não é de todo mistério para quem sabe ver. O maior desafio humano, em sua relação com Deus e o mundo é fazer o movimento descendente, como o do Cristo, e ver nas coisas pequenas a grandeza como aquela que permeia o pensamento humano. Não haverá experiência de descoberta do mistério enquanto o ser humano insistir que os eventos do cotidiano não se relacionam com o todo, enquanto essa efêmera vida e suas “coisas” forem fragmentos isolados, e não um prenúncio de que a realidade é e sempre será surpreendente.

O luar quando bate na relva
Não sei que cousas me lembra...
Lembra-me a voz da criada velha
Contando-me contos de fadas
E de como Nossa Senhora vestida de mendiga
Andava à noite nas estradas
Socorrendo as crianças maltratadas...

Se eu não posso crer que isso é verdade,
Para que bate o luar na relva? (Pessoa, 2010, p.44)

Referências

CHARDIN, Teilhard de. **Mundo, Homem e Deus**. Textos selecionados, introduzidos, traduzidos, anotados e comentados por José Luiz Archanjo, Ph. D. São Paulo: Editora Cultrix, 2ª ed. 1980.

_____. **O meio divino**. Petrópolis: Vozes, 2010.

PESSOA, Fernando. **Poesia completa de Alberto Caeiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

TILLICH, Paul. **The shaking of the foundations**. New York: Charles Scribner's Son, 1953.